

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade 2



Atena
Editora
Ano 2021

Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana
(Organizadores)

Memória, cultura e sociedade 2



Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M533 Memória, cultura e sociedade 2 / Organizadores Joaquim dos Santos, José Italo Bezerra Viana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-587-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.874211810>

1. Cultura. 2. Memória. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Viana, José Italo Bezerra (Organizador). III. Título.

CDD 306.098

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O volume 2 da obra que coaduna as reflexões sobre *Memória, Cultura e Sociedade* traz uma contribuição significativa para repensarmos as lentes que culturalmente nos possibilitam ler o mundo e agir sobre ele a fim de transformá-lo. De caráter interdisciplinar, o livro congrega pesquisadores brasileiros e estrangeiros que discorreram sobre objetos de pesquisa tocantes os trabalhos da memória e suas teias culturais e sociais. Nesse sentido, esta obra traz reflexões sobre cotidiano, subjetividades e relações de poder entre sujeitos e memórias, afirmação de bens culturais como patrimônios, assim como seus usos e desusos entre permanências e reinvenções de tradições, além das relações de trabalho e turismo na contemporaneidade.

Pesquisas variadas e de temáticas abrangentes, como aspectos histórico-sociais do Brasil da segunda metade do século XIX e da primeira metade do XX, ou mesmo temas com recortes nas práticas culturais da atualidade, a exemplo das festas e quadrilhas juninas, formam um mosaico importante que revela a densidade e fecundidade da tríade que intitula esta obra.

As reflexões sobre cotidiano e arte, mediante as operações das fotografias, e as presenças do corpo e dos gestos nas danças demonstram tessituras da memória afetiva e seus laços de pertencimento cultural e social. Com a mesma relevância, os saberes e as práticas culturais dos quilombos nos faz lembrar a força vital que brota da terra, a importância de escutar os mais velhos e seguir seus ensinamentos, os entrelaçamentos do passado com o presente e as artes indissociáveis da vida na contemporaneidade com os saberes e as memórias ancestrais.

Se o universo onírico da infância aparece nas imagens fotográficas, as tensões sobre infância e violência também foram aprofundadas, descortinando uma pertinente relação entre violência sexual e os quadros sociais da memória. Tal como cultura e memória, a violência também é uma faceta da nossa sociedade. Enfrentar as diferentes formas de violência, nesse caso contra crianças e adolescentes, é uma tarefa indispensável do nosso tempo.

Por fim, uma análise sobre a relação e os impactos entre trabalho e estresse laboral arremata esta obra que desejamos seja leitura prazerosa e mobilizadora.


Joaquim dos Santos
José Italo Bezerra Viana

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA SOCIAL DO BRASIL NO PERÍODO DE 1890 ATÉ 1930: CONDIÇÕES HISTÓRICO-SOCIOLÓGICAS QUE IRROMPERAM O MOVIMENTO ANISIANO


Rachel Aguiar Estevam do Carmo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118101>

CAPÍTULO 2..... 16

ÍNDIA, SANGUE TUPI: QUERELAS ENTRE BRASIS

Davi Ebenezer Ribeiro da Costa Teixeira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118102>

CAPÍTULO 3..... 29

OS SABERES E PRÁTICAS DE AUTOATENÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LARANJAL – MATO GROSSO

Gilian Evaristo França Silva

Nayara Marcellly Ferreira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118103>

CAPÍTULO 4..... 38


QUADRILHAS JUNINAS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA MANTER A TRADIÇÃO

Jorginaldo Calazans dos Santos

Flaviano Oliveira Fonsêca

Tháís Danielle de Oliveira Nunes


Marília Gabriela Santos de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118104>

CAPÍTULO 5..... 46

CORPO E GESTUALIDADE NA APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA JUNINA “MEU SERTÃO”– 2019

Wolney Nascimento Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118105>


CAPÍTULO 6..... 58

A NOVA FUNÇÃO E USO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO: O CASO DO NOVO USO DE PATRIMÔNIOS RELIGIOSOS

Luiz Fernando de Souza

Krysla Rodrigues Santos


Douglas Alvarenga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118106>

CAPÍTULO 7..... 70

RETRATOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE A PATIR DA SÉRIE FOTOGRÁFICA DE ALESSANDRA SANGUINETTI

Viviane Baschiroto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118107>

CAPÍTULO 8..... 84

MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A REVELAÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL
INTRAFAMILIAR: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

Isabela Alves Mattos

Elton Moreira Quadros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118108>

CAPÍTULO 9..... 95

ESTRÉS LABORAL Y RENDIMIENTO LABORAL DE LOS TRABAJADORES EN
ENTIDADES FINANCIERAS


Edy Larico Mamani

Demetrio Flavio Machaca Huancollo

Leopoldo Wenceslao Condori Cari

Robbins Flores Aguilar

Kelly Apaza Apaza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8742118109>

SOBRE OS ORGANIZADORES 110

ÍNDICE REMISSIVO..... 111

CAPÍTULO 3

OS SABERES E PRÁTICAS DE AUTOATENÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LARANJAL – MATO GROSSO

Data de aceite: 01/10/2021

Gilian Evaristo França Silva

Instituto Federal Catarinense – IFC
Brusque – Santa Catarina

Nayara Marcelly Ferreira da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC
Florianópolis – Santa Catarina

RESUMO: O presente artigo apresenta os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, localizada em Poconé - Mato Grosso. A metodologia utilizada foi a pesquisa etnográfica, com a realização de entrevistas e do diário de campo. O termo autoatenção pode ser compreendido como o conjunto de saberes e práticas que se constituem de modo coletivo e em articulação com a memória e o território, expressando-se de diversos modos, dentre eles: os remédios caseiros, a prática da benzeção, a prática do parto e do resguardo. O termo “remanescente de quilombo” foi problematizado a partir da indagação de como a comunidade pensa essa categoria e como ela se apresenta não só como lugar da memória coletiva, mas como lugar político.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes e Práticas, Autoatenção, Quilombo de Laranjal, Mato Grosso.

THE KNOWLEDGE AND PRACTICES OF SELF-CARE OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF LARANJAL – MATO GROSSO

ABSTRACT: This article presents the knowledge and self-care practices of the quilombola community of Laranjal, located in Poconé - Mato Grosso. The methodology used was ethnographic research, with interviews and a field diary. The term self-care can be understood as the set of knowledge and practices that are collectively constituted and in articulation with memory and territory, expressing itself in different ways, including: home remedies, the practice of blessing, the practice of childbirth and confinement. The term “quilombo remnant” was problematized based on the question of how the community thinks about this category and how it presents itself not only as a place of collective memory, but as a political place.

KEYWORDS: Knowledge and Practices, Self-care, Quilombo de Laranjal, Mato Grosso.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do Programa de Iniciação Científica, da Universidade Federal de Mato Grosso, entre os anos de 2015 e 2016. A partir dele, busca-se apresentar os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, localizada no município de Poconé do Estado de Mato Grosso. Primeiramente, apresentamos a localização da comunidade de Laranjal e a problematização do

termo “remanescente”, no intuito de apresentar como a comunidade se autorreconhece. Para em seguida, apresentar a definição de saberes e práticas de autoatenção como categorias relacionais e que se estabelecem por meio da prática. Enfatizamos o sentido de memória coletiva e território como processos relacionais e coletivos. Na sequência, apresentamos os saberes sobre as plantas e ervas medicinais, a prática da benzeção, do parto e do resguardo, enfatizando não só o seu sentido terapêutico, mas sobretudo, sua eficácia simbólica.

A Comunidade quilombola de Laranjal está localizada no município de Poconé, Estado de Mato Grosso, e ocupa parte da região do Alto Pantanal, no centro sul de Mato Grosso. Ali vivem aproximadamente 200 pessoas, distribuídas em 50 unidades domiciliares, e compondo 56 famílias. O município de Poconé é uma cidade Pantaneira, também conhecida como Cidade Rosa, localizada a 100 km de Cuiabá, na região da Baixada Cuiabana, fazendo limite com as cidades Barão do Melgaço, Cáceres, Nossa Senhora do Livramento e com Corumbá. Possui uma área de 17.260,861 km² e uma população de 32.059 habitantes. O Estado de Mato Grosso teve seu espaço colonizado na primeira metade do século XVIII, sendo o arraial e depois Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (atual cidade de Cuiabá). A origem da Vila Real do Senhor Jesus do Cuiabá se deu com a descoberta do ouro nas lavras do Coxipó-Mirim, em 1719, tendo à frente de tal investida paulistas e reinóis. A capitania de Mato Grosso era constituída por apenas dois distritos, o do Cuiabá e o do Mato Grosso, e suas respectivas vilas: Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1727) e Vila Bela da Santíssima Trindade (1752), esta última fundada para ser sede de governo.

É importante salientar que a comunidade quilombola de Laranjal-Mato Grosso não se reconhece como “Remanescente de Quilombo”, mas sim como comunidade quilombola. Isso se dá pelo fato de que o termo “Remanescente de Quilombo” se mostrou ambíguo por fazer referência de quilombo como algo fixo e cristalizado no tempo, ignorando as especificidades dos diversos contextos sociais que estão inseridas as comunidades quilombolas. Isso pode ser apresentado na entrevista realizada com Cristina, líder da Comunidade Quilombola de Laranjal-Mato Grosso:

Eu penso assim, eu sou quilombola, a minha comunidade é quilombola. Mas tem parente meu que vive na cidade, e não é porque vive na cidade que não é quilombola. Porque a nossa ancestralidade é a mesma, a história é a mesma, então somos todos quilombolas, tanto lá como cá.¹

A comunidade quilombola de Laranjal-Mato Grosso chama atenção para o fato de que muitas vezes a expressão “ser quilombola” é compreendida dentro de um modelo específico, ausente de temporalidade e multiplicidade. Ilka Boaventura Leite em *Quilombos e Quilombolas: Cidadania e Folclorização?* (1999) aponta que o termo ‘remanescente de quilombo’ foi associado ao conceito de ‘folclorização’, no sentido de que quilombos e quilombolas foram classificados em um estereótipo exótico que ignora os sujeitos como seres

¹ SILVA, Cristina Benedita da. Entrevista [maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcellly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016.

históricos e culturais. Outro ponto remetido ao termo de ‘remanescente’ é a sutileza em que ele carrega o racismo. O termo ‘remanescente’ está pautado na ideia de que a identidade nacional brasileira tem como base a ‘mestiçagem’, constituída nas relações hierárquicas entre brasileiros negros, índios e brancos. Essa concepção resulta em um efeito homogeneizador, contribuindo para o processo de naturalização da democracia racial e invisibilização de grupos sociais advindo da vertente africana, para esculpir um país embranquecido pela violência simbólica, expressa por meio de práticas genocidas.

Em outro artigo denominado *Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas* (2000), Ilka Boaventura Leite problematiza o termo “Comunidades Remanescentes de Quilombos”. Segundo ela, o texto final do artigo 68 da Constituição Federal, ao falar em “Comunidades Remanescentes de Quilombos” trouxe impasses conceituais, na medida que apesar de ser advindo da demanda social, no intuito abranger uma grande diversidade de situações envolvendo os afrodescendentes, tornou-se restritivo, por remeter à ideia de cultura como algo fixo, algo cristalizado, fossilizado, e em fase de desaparecimento. Neste sentido, a comunidade quilombola de Laranjal-Mato Grosso não se vê como “sobrevivência”, “resquício” e “remanescente” dos quilombos históricos do século XIX, e sim como sujeitos de direitos, que reconhecem um passado marcado pela escravidão, e que atualmente questionam e interpelam o Estado e Sociedade Civil, reivindicando direitos, o território e o reconhecimento de suas pluralidades culturais.

Atualmente, no contexto político e social brasileiro, as comunidades quilombolas têm sido negligenciadas e ameaçadas constantemente em termos de direitos e políticas públicas, desdobrando práticas genocidas que se intensificaram com o descaso do governo Bolsonaro ao se tratar a pandemia da Covid-19. Isso é o reflexo de como o sistema de colonização persiste nas relações estruturais brasileiras. Desse modo, o termo “Comunidade Quilombola” se apresenta não só como lugar de memória, mas também lugar político, na luta contra o descrédito dos planos de ação do poder hegemônico e as malhas invisíveis do sistema de colonização persistente no Brasil.

2 | SABERES E PRÁTICAS DE AUTOATENÇÃO

As categorias dos saberes e práticas serão manifestadas de modo coletivo e relacional. Segundo Muniz Sodré (2017) esses conceitos são vivenciados na Comunidade Quilombola de Laranjal-Mato Grosso em um processo de ‘saber praticando’ e ‘pensar fazendo’, no sentido de que o processo de apreensão do conhecimento se dá por meio da vivência do cotidiano, da prática, do dia a dia e das ações realizadas. Por exemplo, o conhecimento sobre as garrafadas é estabelecido mediante a prática do preparo das ervas, plantas e raízes que se unem no processo de colocar no fogo, de deixar ferver, de coar e de armazenar na garrafa. Todo esse processo envolve a prática que tem como resultado a apreensão sobre as especificidades das plantas e remédios, a eficácia de sua execução e as

relações de trocas de experiências entre os sujeitos.

A esse propósito, as categorias de saberes e práticas envolvidos nesse processo ganham uma dimensão contrária ao modo de educação bancária. Segundo Paulo Freire (1968) a educação bancária consiste em conceber o estudante como ausente de conhecimento no processo de ensino-aprendizagem, sendo encarado como um armazenador de conhecimento enquanto o docente é concebido como o provedor exclusivo do saber. Ainda acrescenta que esse processo é vivenciado em um modo de reprodução do conhecimento, manifestado em etapas e níveis de capacidades, não abrindo espaço para a prática, problematizações e diferenças. Por outro lado, os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal-Mato Grosso são vividas de modo relacional, coletivo e em transmissão, no sentido de que o pensamento é vivido na prática, pois emissor e receptor estão em processos de trocas, de autoavaliação e autoatualizações.

O conceito de autoatenção é concebido como o conjunto de saberes e práticas que se manifestam de modo coletivo, e numa relação inseparável entre a memória e o território, expressando-se de diversos modos, destacam-se: as plantas e remédios caseiros, a prática da benzeção, prática do parto e o resguardo. Conforme nos ensina dona Joana, raizeira e parteira, “tudo que aprendemos aqui na comunidade faz parte da história dos nossos ancestrais, faz parte dos mais velhos e antigos conhecedores que passaram a palavra para a gente”.²

Desse modo, é possível apontar que os saberes e práticas de autoatenção constituem uma história e em uma identidade cultural. Mas essa história não é vivida em sequências, estágios e períodos, ao contrário, ela é vivida por meio de uma memória coletiva que está em relação constante com o território. A esse propósito, o território pode ser entendido como o lugar de pertencimento e de lembranças. Segundo Maurice Halbwachs (1991), essas lembranças não são idênticas ao passado, mas sim constituídas por processos de reconstrução. No sentido de que os sujeitos sociais envolvidos nas lembranças se manifestam no tempo presente por meio de novas gerações, gerações formadas por sujeitos reais e que estão em constante processo de transformação.

Esse autor chama atenção para a distinção entre memória coletiva e história. A memória coletiva representa uma corrente de pensamento que envolve seres humanos reais, ligados a uma mesma ancestralidade que se manifesta no tempo presente mediante processos de atualizações. Diferente da história que se apresenta como uma forma de esquema arbitrário do passado através de cortes e o estabelecimento de sequências e períodos. Em *Pensar Nagô* (2017) de Muniz Sodré, podemos observar que a memória coletiva é consolidada pelo presenteísmo e pela agência, entendidos como a vivência e o reconhecimento da ancestralidade a partir do tempo presente e do pensamento por meio da prática. Também é indicado a espacialidade, compreendida como o conjunto de representações simbólicas

2 SILVA, Joana Astro Guida de Arruda. Entrevista [maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcellly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016.

circunscrito em um território específico.

Neste contexto social, o território é pensado e vivido como lugar de memória e lugar político. Lugar de memória por representar uma identidade cultural constituída por meio de uma cosmologia de vida e por meio de uma ancestralidade que tem como base a noção de que a terra é o próprio corpo. Isso pode ser atrelado ao documentário denominado *Ôri*, lançado em 1989 pela cineasta e socióloga Raquel Gerber. No documentário são apresentados os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988, buscando a relação entre Brasil e África, cujo fio condutor é a história pessoal de Beatriz Nascimento, historiadora e militante, falecida trágica e prematuramente no Rio de Janeiro, em 1995. Nele é possível perceber a noção de quilombo como história de resistência, não se limitando a história de repressão do processo de escravidão, mas sim quilombo como estabelecimento humano de construção da identidade negra por meio de uma perspectiva transatlântica, isto é, encontros entre os continentes americano e africano que tem como base visibilizar a cultura afrodescendente e afro-brasileira. Desse modo, o território pensado como memória e lugar político, diz respeito a uma identidade cultural negra em processo de luta mediante reivindicações do reconhecimento quilombola, da educação específica, das manifestações culturais e religiosas específicas que são travadas em contextos políticos e sociais tensionais.

3 | AS PRÁTICAS DE PLANTAS, DA BENZEÇÃO E DO PARTO

As pessoas conhecedoras desses saberes são identificadas como raizeiras, raizeiros, especialistas em caracterizar os ambientes do Cerrado, identificar suas plantas medicinais, coletar a parte medicinal da planta, diagnosticar doenças, preparar e indicar remédios caseiros. Toda essa relação só alcança reconhecimento devido ao seu valor cosmológico, pois estão conectadas às histórias de vida de antigas gerações de conhecedores que se responsabilizaram pela transmissão do ensinamento de geração em geração, na garantia de um vivenciamento e exercício de uma memória coletiva e da vivência do território.

As plantas são regidas por um sistema de afetos e desafetos. Esse sistema precisa ser identificado antes da preparação dos remédios, no intuito de não resultar em malefícios à saúde. As plantas são comparadas ao modo de ser das pessoas. Como Joana, parteira e raizeira, apontou “as plantas são gente como a gente”. No sentido de apresentar um modo de existência e comportamento, constituído em um regimento de sentimentos e vontades.

Com base em Suzane Vieira (2015) é possível apontar que os imperativos do agenciamento e da vontade das plantas refletem consequências ao corpo. Uma das regras de prudência e da boa saúde é seguir a sua vontade. As plantas estabelecem relações de afetos e sentimentos entre si, tais sentimentos quando bem relacionados potencializam melhoras ao corpo, quando não, intensificam o grau da doença. Dona Joana ainda salienta que:

É preciso seguir o regrado das plantas, se não seguir o regrado não se faz

remédios, as garrafadas, o resguardo, os banhos. Cada planta tem um modo de ser que precisa ser respeitado. E cada pessoa também tem um modo de se entender com elas. Tem pessoa mais forte e pessoa mais fraca. Por isso, antes de preparar o remédio é preciso conhecer o modo de ser tanto da pessoa quanto o da planta. Porque elas também são iguais a gente, tem um modo de ser também.³

Os regimentos de sentimentos e vontades das plantas e das pessoas interagem no processo de autoatenção à saúde. Neste sentido, se os regimentos não se compatibilizam pode haver consequências negativas ao corpo. O quilombo de Laranjal, do município de Poconé, do Estado de Mato Grosso, reconhece a existência de uma subjetividade e ação do mundo das plantas. Por essa razão, as plantas possuem uma humanidade tal como os humanos. Segundo Bruno Latour (1997), essa subjetividade é constituída por uma cultura e prática que colocam o mundo vegetal e o mundo humano em uma mesma condição de humanidade. O antropólogo Viveiros de Castro (2002) acrescenta que essa condição pode ser classificada como ‘multinaturalismo’, ou seja, a ideia de que os vários tipos de seres e pessoas possuem, todos, a mesma condição humana, em corpos distintos.

Os remédios caseiros são utilizados de diversas formas, destacam-se: chás, xaropes, banhos, dietas alimentares e garrafadas. Algumas plantas são cultivadas nos quintais das casas. Outras só se criam no mato mais denso, encontradas nas localidades da região. Muitas plantas podem ser utilizadas para a preparação das garrafadas. Elas são preparadas por meio de um conjunto de plantas que possuem o mesmo regulamento de sentimentos e vontades.

Outro saber e prática de autoatenção que se manifesta na comunidade é a benzedura. Os benzedores são reconhecidos localmente como pessoas dotadas de conhecimentos herdados de gerações anteriores. A esse propósito, Seu Adriano, raizeiro e benzedor, aponta:

A benzeção não pode ser ensinada para qualquer pessoa. Pois tem muito valor, só a pessoa que entende pode exercer, e é o benzedor que identifica a pessoa. Se ela tem o dom, passa a palavra para ela. Perguntei para Seu Adriano como ele identifica quando uma pessoa tem o dom para a benzeção, ele me explicou que a benzeção é um dom. Para eu passar a palavra e reza para outra pessoa junto com o ensinamento dos remédios de mato que utilizamos na benzeção. Eu exijo da pessoa não apenas fé e confiança em Deus, mas, sobretudo, a necessidade de que o outro sinta o mesmo. Porque senão, não tem eficácia, não cura.⁴

A prática da benzeção pode ser entendida como um “regime da dádiva” consolidada pelo domínio de orações, fórmulas, jaculatórias e o saber dos remédios do mato transmitidas por gerações anteriores mediante a herança vocacional e a tradição oral. Esse processo envolve uma memória coletiva cuja eficácia depende mais do ato coletivo. Por isso, são

3 SILVA, Joana Astro Guida de Arruda. Entrevista [maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcellly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016.

4 SILVA, Adriano Catarino da. Entrevista [maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcellly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016.

mágicas apenas “as coisas que foram realmente tais para toda uma sociedade, e não as que foram assim qualificadas apenas por uma fração da sociedade” (MAUSS, 2003, p.55). Desse modo, a eficácia da magia está condicionada a um consenso coletivo, a uma crença compartilhada, em que tanto os conhecimentos como os atos mágicos serão construídos a priori, através da tradição. É importante salientar que o ofício da benzeção estabelece uma mediação com os saberes sobre as plantas e as ervas medicinais.

Outro saber presente na comunidade é o parto. Dona Joana explica que a prática de ‘aparar’ é um “saber de berço”, “minha mãe me ensinou”. Afirma também que não é uma tarefa fácil. Segundo ela, para poder realizar um parto sem complicações é preciso “sentir o corpo da mulher primeiro”. Pois a criança vem com muita força e é preciso saber dosar essa força, “você tem que ter coragem, de revestir a vida de uma criança de dentro de uma gente de mãe. Ele vem com muita força, com corpo demais, por isso que a mulher tem que fazer a puxação”.⁵

A ‘puxação’ pode ser entendida como um “meio técnico”. Conforme aponta Mauss (2003) a técnica corporal é um ato tradicional eficaz formado não por um ato individual, e sim por toda a sociedade da qual o indivíduo faz parte. Isso pode ser notado na prática de aparar, uma vez que Joana orienta que a criança vem “com corpo demais” e que o próprio corpo da mãe precisa corresponder essa força com a “puxação”. A esse propósito, o corpo se apresenta como um ‘meio técnico’ e social, isto é, ao mesmo tempo que recebe influências de técnicas sociais como o resguardo, orientações, posturas e posições, óleos, toques e massagens, ervas para chás e banhos, também produz técnicas a partir de si mesmo.

O resguardo é feito após o parto. Ele cumpre um conjunto de regulamentos, como a dieta alimentar, os banhos medicinais, e a prática de ‘escaldar’. Dona Joana explica “que durante a gravidez o corpo da mulher vai abrindo então por isso tem que ter tratamento. Esse tratamento é na base de escaldar com remédio e dieta do alimento”. ‘Escaldar’ é se lavar com remédio através de banhos com o objetivo de evitar cicatrizes e de ‘desaguar’ os resíduos que permaneceram internamente no corpo da mulher para evitar inflamação.

Escaldava com remédio. O banho na folha de algodão, arrumava folha de algodão, arrumava para ferver, malva branca e batizava ele com salzinho para tomar o banho para acabar de limpar, e sai aquelas águas. Isso evita inflamação e cicatriz, não fica aquele bucho escuro e com cicatriz. A dieta alimentar é feita por meio de sopinha de macarrão, farinha de milho, arroz temperado e frango. De quinze a vinte dias, já pode comer de vez, mas não é bastante, é pouco alimento para não deixar aquele barrigão na mulher.⁶

A prática de ‘escaldar’ se relaciona com os banhos medicinais. Ambos os procedimentos abarcam a utilização de plantas e remédios de mato. Eles são realizados até o momento em que o corpo da mulher manifesta melhoras e cura. A dieta do alimento após o parto é uma

5 SILVA, Joana Astro Guida de Arruda. Entrevista [maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcellly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016.

6 SILVA, Joana Astro Guida de Arruda. Entrevista [maio.2016]. Entrevistadora: Nayara Marcellly Ferreira da Silva. Mato Grosso, 2016.

recomendação que envolve o preparo de determinadas comidas, por exemplo, frango, sopa, macarrão etc. Essa dieta segue um prazo de tempo e exige a troca de cuidado entre as famílias. Segundo Ulla Macedo (2007), o pós-parto é um momento em que os parentes da puérpera são mobilizados, sobretudo sua mãe e sua sogra. Eles se unem para garantir que a mulher proceda às restrições alimentares e comportamentais, ajudando assim a preveni-la de possíveis enfermidades. Isso também ocorre na comunidade quilombola de Laranjal. Nesse período, não só mãe e sogra se unem, mas também a parteira fica responsável por orientar esse cuidado.

É possível dizer que os modos de saberes e práticas de autoatenção apresentados acima se constituem em uma eficácia simbólica. Vale ressaltar que o sentido de eficácia simbólica vai além do que proposto por Lévi-Strauss (1975), ou seja, de pensar a eficácia como exclusivamente uma prática dos sujeitos de conhecimento, colocando o receptor como ausente de ação. Por outro lado, como destacado por Sônia Weidner Maluf (2012), a eficácia simbólica é uma ação coletiva, estando todos os agentes envolvidos no processo da prática, direta ou indiretamente. Neste sentido, a eficácia simbólica pode ser compreendida como a tradução das várias maneiras de designar práticas e situações capazes de produzir resultados que não se reduzem a uma explicação mecânica de causa e efeito. Mas a eficácia, nesse caso, estaria muito mais ligada à produção de um sentido compartilhado no interior de um contexto cultural e social específico, não se limitando apenas ao sentido farmacêutico e biomédico.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saberes e práticas de autoatenção da comunidade quilombola de Laranjal, localizada no município de Poconé, do Estado de Mato Grosso constituem-se de específicos códigos simbólicos, aprendidos e vivenciados pelo compartilhamento de uma memória coletiva e da vivência do território. Essa memória foi vivenciada por traços coletivos, pelo presenteísmo e pela espacialidade. Nesse sentido, englobam relações de gerações anteriores de conhecedores que foram reconhecidos e vivenciados no tempo presente daqui e do agora, tendo as representações sociais consolidadas na espacialidade do território. O território foi compreendido mais do que um lugar de memória, mas também um lugar político por reconhecer os sujeitos que nele vivem como sujeitos de direitos, criativos, expressivos e políticos que em suas especificidades sociais interpelam o Estado e a Sociedade Civil por seus direitos e pelo reconhecimento de suas pluralidades culturais e território.

Neste sentido é por meio dessa iniciação científica que se pode observar e apreender outro modo de transmissão dos saberes e práticas, constituídos pelos modos de conhecimentos sobre as plantas e ervas medicinais, pela prática de benzeção e do parto. A esse propósito, o artigo se apresentou como resposta aos estudos decoloniais pelos seguintes pontos: a) o modo de transmissão dos saberes e práticas de autoatenção se constituem em uma lógica

contrário ao eurocentrismo; b) o modo de transmissão dos saberes e práticas de autoatenção compreendem a relação ensino-aprendizagem de modo contrário às noções de educação bancária e de reprodução e c) o modo de transmissão dos saberes e práticas de autoatenção tem como base a articulação entre memória coletiva e território.

REFERÊNCIAS

FERREIRA DA SILVA, Nayara Marcelly. **Diário de Campo**, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

LATOUR, B. e WOOLGAR, S. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horiz. antropol.** [online]. vol.5, n.10, 1999, pp.123-149.

LEITE, ILKA BOAVENTURA. Os quilombos no Brasil: questões conceituais normativas. **Etnográfica**, Vol. IV (2). 2002. pp. 333-354.

MALUF, Sônia W. Eficácia simbólica: dilemas teóricos e desafios etnográficos. In: **Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de Pessoa, a de ‘Eu’”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac&Naify, 1938.

PABLO. Quintero, PATRÍCIA. Figueira e PAZ. Concha Elizalde. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. EDIÇÃO 2019. Museu de Arte de São Paulo.

SODRÉ, Muniz A. C. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

VIEIRA, Suzane de Alencar. **Resistência e Pirraça na Malhada: Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caetité**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: **A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify. 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 6, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94
Alessandra Sanguinetti 5, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82
Ambiente de trabalho 96
Autoatenção 5, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 37

C

Ciclo junino 41, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 55, 57
Condições de trabalho 96
Conservação 58, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 85
Corpo 4, 5, 25, 26, 33, 34, 35, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 93
Criança 35, 50, 72, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93
Cultura 2, 4, 17, 22, 23, 27, 31, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 48, 52, 56, 57, 60, 61, 62, 64, 98, 108

E

Ensino superior 1, 2, 8, 9, 10, 11, 13, 15
Exigências do trabalho 96

F

Fotografia 70, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82

H

Hegemonia burguesa 1

I

Identidade 1, 2, 14, 18, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 44, 46, 47, 54, 55, 57, 58, 59, 67, 68, 77
Infância 4, 5, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 82, 89, 91, 92, 93, 94

L

Lady Clementina Hawarden 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83

M

Mato Grosso 5, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36
Memória 2, 4, 6, 16, 17, 20, 22, 23, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 48, 54, 56, 58, 60, 64, 65, 66, 69, 78, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 110

Modernidade líquida 16, 17, 19, 20, 25, 26, 27

Música 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 41, 48, 51, 55

N

Nova função 5, 58

Novo uso 5, 58

O

Ordem social competitiva 1, 13

P

Padrão compósito 1

Patrimônio 5, 40, 41, 44, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 110

Política oligárquica 1, 8, 13

Práticas 4, 5, 17, 18, 19, 23, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 39, 41, 46, 47, 54

Q

Quadrilha junina meu sertão 46, 51, 52, 54

Quadrilhas juninas 4, 5, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 54, 56

Quilombo de Laranjal 29

R

Responsabilidade 96

Roni Horn 70, 77, 78, 79, 80, 82

S

Saberes 4, 5, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37

Sobrecarga de trabalho 96

T

Tradição 5, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 34, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 56

Turismo 4, 38, 42, 44, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 110

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade 2



 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Memória, cultura e sociedade 2



 **Atena**
Editora

Ano 2021